

# A marcante presença de um intelectual judeu na editoria, na literatura e na crítica literária e teatral brasileiras

## Entrevista com Jacó Guinsburg

Fundador e atualmente diretor-presidente da Perspectiva, organizador, editor e colaborador das coleções em que esta editora desenvolve sua programação (*Judaica, Debates, Estudos, Textos, Signos, Perspectivas, Paralelos, Stylus, Elos, Big Bang*), Jacó Guinsburg é também autor de ficção (*O que aconteceu, aconteceu*), tradutor (Platão, Nietzsche, Diderot, Lessing, Gershom Scholem, Benjamim, Buber, Büchner, Sch. An-ski, Peretz, Scholem Aleikhem, entre outros), ensaísta (*Motivos, Diálogos sobre teatro; Stanislávski e o teatro de arte de Moscou; Aventuras de uma língua errante: ensaios de literatura e teatro idiche; Leoni de'Sommi: um judeu no teatro da Renascença italiana; Stanislavski, Meierhold e Cia; Da Cena em cena; A Cena em aula*), especialista em teatro russo e língua idiche, pesquisador, crítico literário e teatral, professor (Titular pela USP) de Teoria do Teatro e Estética Teatral (Curso de Pós-Graduação/Escola de Comunicação e Artes/FFLCH/ USP) e Hebraico (Curso de Pós-Graduação em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas/ Departamento de Línguas Orientais/ FFLCH, USP), além de múltiplas funções em editoras, periódicos e associações literárias, tem dedicado muito de sua vida intelectual e editorial à difusão da cultura judaica, contribuindo de modo inestimável para os Estudos Judaicos, subsidiando a pesquisa e a bibliografia sobre o assunto e enriquecendo-as com seu saber erudito e especializado. Mereceu inúmeros títulos, condecorações, homenagens e prêmios, entre os quais citamos apenas alguns: Prêmio Mérito Intelectual Judaico, Congresso Latino-Americano, Rama Del Congresso Judío Mundial (1983); Prêmio Jabuti (1991 e 2005); Condecoração Ordem de Rio Branco (2002); Homenageado na Abertura da Programação do Centro Internacional de Pesquisa sobre a Formação em Artes Cênicas do Teatro Russo (2010); Prêmio Especial da Associação Paulista de Críticos de Arte (2011); destacando-se de modo especial o título de Professor Emérito com que foi agraciado (2001) pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo por sua valiosa contribuição acadêmica e estímulo à formação de críticos, teóricos e professores de teatro, além da pesquisa e publicações na área e o Prêmio Shell de Teatro (2009) por sua contribuição ao pensamento crítico de arte no Brasil. Entrevista realizada na sede da Editora Perspectiva, em São Paulo, em 05 de abril de 2012, por Anita Brumer.

**WebMosaica:** Os editores da *WebMosaica* consideram uma grande honra contar com você como colaborador da revista. É também uma honra, para nós, delinear seu perfil biográfico e desenvolver algumas de suas contribuições na área de estudos judaicos numa entrevista para a revista. Poderíamos iniciar falando sobre sua trajetória pessoal, sobre quem você é e sobre suas andanças pelos meios do teatro.

**Jacó Guinsburg:** Eu não vou dizer tautologicamente que eu sou eu; posso dizer que eu sou eu, mais ele, (risos), ou seja, este sujeito que lhes fala. Mas, para evitar con-

fusões de identificação, incorporo-o à minha carteira de identidade. Quanto ao meu percurso, o fato é que, a esta altura e por sua própria realidade, sou nonagenário, algo que não entra bem em minha cabeça. Mas, enfim, aqui estou (risos). Minha trajetória foi a de muitos filhos de imigrantes. Eu mesmo sou imigrante. Nasci em Rascani, na Bessarábia, hoje Moldávia, em 1921, e vim pra cá com meus pais, logo depois da Revolução de 1924. Escapar do sufoco econômico e social, era o que os trazia. Mas a aclimação não foi fácil. Outra língua, outros costumes, outro mundo. Como para tantos outros que aqui aportaram, houve um preço a pagar. Inicialmente, nos fixamos em Santos, depois, a partir de 1930, mudamos para São Paulo e fomos morar no Bom Retiro (o da capital paulista). Desde então não sai daqui, com pequenas escapadas para o Rio de Janeiro e algumas viagens, mas passei a maior parte de minha vida aqui em São Paulo. Fui à Europa três vezes, sendo que na primeira fiz um estágio em editoração por conta do governo francês e na Sorbonne, por minha conta. Foi então que visitei Israel pela primeira vez, voltando a este país em duas ocasiões. Mas eu não diria que meu percurso de vida deu-se numa linha contínua. Seria enfadonho, no entanto, pormenorizar os percalços nessa andança. Eu resumiria observando que o que aconteceu, aconteceu, como é o título de meu livro de contos...

**WebMosaica:** O que o motivou a editar com ênfase e de modo contínuo obras literárias judaicas e de escritores judeus, traduzindo-as quando inéditas em língua portuguesa? Como, por exemplo, recentemente, sua notável tradução de *Tévyé, o leiteiro*, de Scholem Aleikhem, diretamente a partir do ídiche, enriquecida com introdução e notas de sua autoria?

**Jacó Guinsburg:** A tradução de *Tévyé* foi, até

certo ponto, uma resposta a um desafio que vinha de longe... da época em que dei os primeiros passos na minha aventura pelas veredas da “língua errante”, o ídiche. No que se refere ao texto de Scholem Aleikhem, a maior dificuldade residiu não só nas diferenças linguísticas e estruturais dos dois idiomas, como na carga coloquial com que o autor enovelou seus seis relatos. Porém, voltando à sua pergunta, o que me levou a me dedicar a esse fundo cultural judaico é algo que só explico por minha história nessa estória. É um caminho. Ele passa pela escola pública em São Paulo e por um curso secundário que nunca completei; mas, ao mesmo tempo, cruza-se também com interesses políticos de esquerda e com uma aproximação do mundo judeu pela via cultural ídiche da corrente “progressista” e não pela via religiosa. Na primeira incursão editorial que empreendi, o da Editora Rampa, eu e dois companheiros não judeus, Edgar Ortiz e Carlos Ortiz, publicamos quatro obras – *Antologia Judaica, Joias do Conto Ídiche, Contos de I. L. Peretz e A Mãe*, de Scholem Asch – de uma literatura quase inédita no Brasil. Compilamos e editamos a *Antologia Judaica*, não por opções de caráter teológico-religiosas ou por militância ideológico-nacionalista, mas por motivações que a nossa consciência política nos ditava então: logo após a guerra, era preciso, julgávamos nós, levar ao conhecimento do povo brasileiro não só o que havia acontecido – porque começávamos a ter noção da imensidade da tragédia que foi a *Shoah* ou o Holocausto – como também da riqueza cultural, espiritual e literária que havia sido talada. Tanto é que me orgulho de ter divulgado, nas três coletâneas, autores e textos que nunca haviam sido traduzidos para o nosso idioma, como é o caso do primeiro conto do Bashevis Singer em português, *O judeu da Babilônia*, sem ter adivinhado previamente, é claro, que ele ganharia o Prêmio Nobel.

Fiz, na época, a escolha porque gostei do conto. Mas, não me envergonho de repetir que a mesma estreia vernacular deu-se com quase todos os outros contistas que figuraram nas nossas seleções, com exceção de Scholem Aleikhem e Peretz. Alguns relatos destes dois, que formam, com Mên dele, os três clássicos da literatura ídiche, já haviam sido vertidos esparsamente. Mas faltava uma apresentação mais ampla. Com base nessa consideração, efetuei então a organização e transposição dos relatos de Peretz, que foram mais tarde reeditados, com acréscimos, pela Perspectiva, e ainda permanecem em seu catálogo. Outra obra que, no contexto do trabalho realizado pela Rampa, merece registro, a meu ver, ou no de minha lembrança, é *A mãe*. Este romance escrito por Scholem Asch tem, quero crer, uma característica especial, que vale a pena ser salientada, a de ter sido traduzido do ídiche por Carlos Ortiz (1910-1995). Padre *defroqué*, professor de seminário, romancista, conhecia latim, grego, inglês, francês, alemão e aprendeu ídiche comigo. A revisão foi feita pelo idichista e juiz de trabalho, Dr. Abraão Blay e sua esposa, Fany. Na época, 1948, eu estava na casa dos vinte e tantos anos e Carlos já andava pelos quarenta. Devo a ele minha disciplina de trabalho e os ensinamentos de seu rigor estilístico. Escrevia muito bem. Tanto é que venceu um concurso para crítico de cinema na *Folha da Manhã*, de São Paulo, e durante largo período foi responsável pela matéria naquele órgão de imprensa, tendo se envolvido no movimento pelo cinema nacional, do qual foi um dos promotores, e inclusive contribuído para a bibliografia especializada, com ensaios e livros, além de uma cartilha sobre cinema, não de história, mas de técnica e produção cinematográficas, chegando até a dirigir filmes. Este homem realmente me ensinou a trabalhar com literatura, e esse foi o meu curso universitário.

Meu primeiro grande interesse foi a política, em termos de esquerda (portanto, com ângulo marxista) e sobretudo a literatura (de um modo geral, a ocidental). E não menos a brasileira. O ciclo do nordeste me atraiu. Por se tratar de um jovem autor e estar de certo modo ligado a esta região, travei amizade, através de Edgard Ortiz, com o romancista Paulo Dantas (1922-2007), que passou a frequentar a Rampa e cuja obra tencionávamos publicar. A nossa mesa de conversa também incluía os pintores Takaoka, Walter Levy, Harry Elsas, Berco Udler, Landa e outros interlocutores, do interior e de fora da comunidade judaica, em sintonia conosco. Devo acentuar, todavia, que a minha principal interlocução se dava com o pessoal do Cultura e Progresso. Era um clube de imigrantes judeus de esquerda, que mantinha e cultivava laços intensos com a língua e a produção cultural ídiche do Leste Europeu. Isto enquanto foi possível. Recebia para a sua biblioteca as principais expressões textuais dessa proveniência. Também era o espaço privilegiado de discussões, conferências e palestras sobre um amplo e atualizado leque temático, que incluía, afora a política e as questões judaicas em especial, literatura, música, teatro e artes em sua mais ampla diversidade... Convém notar ainda que durante muitos anos essas sessões se desenrolavam na única língua que seus promotores e receptores dominavam plenamente, o seu idioma materno. Era um ídiche cada vez mais carregado de brasileirismos, o qual, por curioso que pareça, servia igualmente para o trato dos itens brasileiros – uma pauta que avultava crescentemente naquele grupo tão engajado nos problemas do país e que a jovem geração começou a ventilar exclusivamente em vernáculo.

**WebMosaica: A primeira editora que você criou, a Rampa, publicou apenas quatro livros. O**

que ocorreu?

**Jacó Guinsburg:** A Editora Rampa não se aguentou, por lhe faltar um tino comercial adequado. Sua abordagem era essencialmente cultural. Assim mesmo cumprimos o nosso objetivo inicial com as edições que fizemos, mas, para o nosso pesar, não foi o suficiente e tivemos de encerrar nossas atividades, tendo saldado os compromissos com a venda dos livros de porta em porta e nas calçadas da Paulicéia.

**WebMosaica:** Qual foi sua experiência seguinte como editor?

**Jacó Guinsburg:** Depois da Rampa, trabalhei durante dez anos na Difusão Europeia do Livro (Difel), como tradutor e produtor editorial. Essa empresa publicou, em português, alguns dos mais discutidos autores franceses do pós-guerra, como Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Françoise Sagan. Mas não se limitou a eles, e, como exemplo, cabe citar a *Saber Atual (Que sais-je?)*, Presses Universitaires de France), que abrangia quase todo o espectro do conhecimento em artes, ciências e humanidades. Cerca de 200 títulos deste selo foram vertidos pela Difel até 1966. Ela também publicou a *História Geral das Civilizações*, coordenada por Maurice Crouzet, em 17 volumes (de 1955 a 1958), traduzidos do francês, proporcionando ao leitor brasileiro o acesso a uma das melhores obras de história que havia na época. Além disso, inscreveu em seu catálogo uma *História da Arte*, bem como uma *História Geral das Ciências*, coordenada por René Taton, em 14 volumes (de 1959 a 1967), que até hoje não tem equivalente. A Difel não era uma editora universitária, mas trabalhava com professores da Universidade de São Paulo, principalmente da Faculdade de Filosofia, com os quais organizou a coleção *Corpo e Alma do Brasil*, coordenada por Fernando Henrique Cardoso, uma espécie de

brasileira, na qual foram editados estudos relevantes sobre a realidade nacional, tais como *Mudanças sociais no Brasil*, de Florestan Fernandes (1960), *As metamorfoses do escravo*, de Octavio Ianni (1961) e *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul*, de Fernando Henrique Cardoso (1962), *Panorama do Teatro Brasileiro*, de Sábato Magaldi. Seria injusto não lembrar também aqui as marcantes edições dos Clássicos Garnier, sob a direção de Victor Ramos, e a coletânea de textos ficcionais de escritores brasileiros.

Da tradução da *História Geral das Civilizações*, coordenada por Eurípedes Simões de Paula, participaram Pedro Moacyr Campos, Vítor Ramos, Paulo Zing e, além de revê-la em sua totalidade com Vítor Ramos, tive a meu encargo a versão de alguns tomos. As orelhas dos livros contaram com apreciações de Sérgio Milliet, Sérgio Buarque de Holanda, Lourival Gomes Machado, João Cruz Costa, Florestan Fernandes e Eurípedes Simões de Paula. Este último, na época, era professor de História e depois chegou a ser diretor da Faculdade de Filosofia. A propósito, cabe lembrar que foi ele quem propiciou, mais tarde, a oficialização da disciplina de Língua e Literatura Hebraica e do Centro de Estudos Judaicos da FFLCH-USP, no qual lecionei e de cuja direção participei. Vítor Ramos era um professor que saíra de Portugal por causa do regime salazarista. Também trabalhavam conosco, na Difel, Fernando Pedreira, Leôncio Martins Rodrigues, Bento de Almeida Prado, Bráulio Pedroso, Fernando Silva e outros.

**WebMosaica:** A quem pertencia a Difusão Europeia do Livro?

**Jacó Guinsburg:** Quem fundou e geriu a Difusão Europeia do Livro foi Jean-Paul Monteil, engenheiro francês que veio ao Brasil em 1937 pa-

ra dirigir uma grande indústria têxtil e, como era um homem de ideias progressistas, acabou não só promovendo uma greve na empresa em que trabalhava, como sendo afastado do cargo que ocupava, indo para o campo editorial depois de abrir a famosa Livraria Francesa (1947), campos de atividade em que, acho eu, ele sempre quisera estar.

**WebMosaica: Após sua atuação na Difusão Europeia do Livro, o que ocorreu?**

**Jacó Guinsburg:** Aí eu aprendi muito, tive contato com numerosos professores universitários e intelectuais importantes, além de traduzir várias obras, tais como Descartes e Sartre. Foi graças ao meu vínculo com a Difel que recebi uma bolsa técnica e passei um ano e meio na França, para me aperfeiçoar no campo editorial. Aprendizado precioso, que ultrapassou o objetivo específico e me deu oportunidade de conhecer o que se debatia então no domínio da filosofia, das tendências e do pensamento teatral na década de 1960. Quando voltei, o país se achava em crise e o clima estava carregado em toda parte, inclusive na editora. Após um desentendimento com Monteil, saí da Difel e passei algum tempo desempregado. Foi nessa época que José Paulo Paes me incumbiu de selecionar e verter a pequena recolha de escritos de Diderot, uma coletânea publicada pela Cultrix, depois republicada, em parte, pela Abril, na série dos *Pensadores*, e que, revista e aumentada para dois tomos, hoje integra a coleção *Textos*.

**WebMosaica: Como foi sua relação com Anatol Rosenfeld?**

**Jacó Guinsburg:** Muitos antes de me desligar da Difel, no início dos anos de 1950, travei amizade com Anatol Rosenfeld (1912-1973), que conheci por ocasião de uma palestra por mim proferida numa entidade judaica. Com ele, Gita e eu

organizamos um seminário de filosofia, que se reunia na sala desta casa onde hoje funciona a Editora Perspectiva. Durante uns treze ou quatorze anos suas preleções nos guiaram pelos meandros da epistemologia e da filosofia em geral. Desses encontros, regados a chá, torta de queijo e quejandos assuntos, participava muita gente boa, interessada, ainda que às vezes sonolentemente... Não obstante, as lições foram de grande valia para todos participantes, a crer no que muitos disseram e alguns produziram...

O Anatol era um refugiado judeu-alemão, que teve de sair da Alemanha por causa do nazismo. Ele havia iniciado seu doutorado na Universidade de Berlim, em 1931 ou 1932, mas não chegou a concluí-lo. Era um homem extremamente culto, um crítico agudo e polêmico, da melhor qualidade, em quaisquer termos, do estético ao político, da ciência à psicanálise e à antropologia. Foi nas conversas informais com ele e nas suas aulas que ouvi falar, pela primeira vez, de um modo mais pontual, da Escola de Frankfurt, de Benjamin e de Adorno, embora Anatol não partilhasse acriticamente de suas conceituações. Marcado pelo pensamento de Kant e Hartmann, fazia-lhes restrições, menos viscerais, porém, do que ao existencialismo de Heidegger. Seja como for, estava plenamente em dia com o movimento filosófico, artístico, literário e científico de seu tempo (e, nos termos de sua formação alemã, tinha um conhecimento efetivo das coisas), tendo vivido e vivenciado seus dramáticos embates na República de Weimar. Um destaque nesse cabedal era sem dúvida a literatura. A variedade e o montante de seus artigos e ensaios voltados para as letras tornam manifesta essa relação, quer em seu veio clássico, quer no contemporâneo. Lessing, Goethe, Schiller, Novalis e o romantismo alemão, Heine, Buchner, entre outros, foram por ele cultivados e interpretados, o que não

o impedia de ter entre seus temas eletivos Brecht e Thomas Mann, de cujas obras foi um leitor percuente. Tudo isso, e mais a política, o judaísmo e o cotidiano, constavam de algum modo de nosso diálogo. Foi um convívio de amigos e interlocutores, mas houve desacordos também, e sérios, embora não de caráter pessoal. Aliás, o nosso curso terminou por uma briga em torno de Lacan. Estávamos saltando dialeticamente da quantidade para a qualidade na estética de Hegel, quando o estruturalismo francês irrompeu em nosso meio. Não houve negação da negação que superasse as oposições suscitadas, tanto menos quanto as ideias de Foucault e de outros puseram mais lenha na nossa fogueira filosófica; aí não deu mais para continuar. Anatol, porém, continuou jantando em minha casa e nos brindando com as delícias críticas e irônicas de seu espírito. Regalo que se desfez, quando adoeceu e, pouco depois, veio a falecer, em 1973.

Por fim, não posso deixar de mencionar o papel que este intelectual desempenhou aqui, em São Paulo, no universo do teatro. Ideias e tendências que agitavam a atualidade cênica em nossos palcos, de Stanislavski a Brecht, do cabaré expressionista ao Living Theater, encontraram nele um expositor claro e profundo. No movimento teatral dos anos de 1960, diretores, atores e professores buscavam o seu parecer sobre peças e encenações, especialmente quando se tratava do teatro épico e da crítica brechtiana. E tinham boas razões para tanto, pois, afora o que os escritos na imprensa revelavam sobre os conhecimentos estéticos e históricos do articulista, seus leitores não desconheciam o fato de que dialogavam com um espectador berlinense das peças de Brecht. Na época, a nossa recepção desse repertório fazia-se, no essencial, via França, Inglaterra ou Estados Unidos, mas Rosenfeld podia transmitir-lhes elementos representativos toma-

dos diretamente da fonte. Por esta e outras razões, pode-se afirmar que ele foi um dos atores do processo intelectual de modernização do teatro paulista, senão brasileiro.

### **WebMosaica: Foi daí que nasceu seu interesse pelo teatro?**

**Jacó Guinsburg:** É claro que as coisas se ligam. Mas o meu interesse pelo teatro vinha de antes, do *Iugend Klub* e do Cultura e Progresso, com seus grupos de amadores que apresentavam peças do repertório ídiche, além de uma espécie de *agit-prop* local com propósitos ideológicos e políticos. Traduza *O Dibuk* ainda na Rampa, e a publicação do texto, com um prefácio de Ruggero Jacobbi, deu-se em 1952, em uma primeira Editora Perspectiva, que fundei com um amigo e que teve neste livro seu início e fim. Na revista *Brasil-Israel*, de Bertha Kogan, em que trabalhava como redator, nessa mesma época, minha datilográfica escritura abordava, entre tantas outras matérias, o teatro e ousei estampar aí uma resenha crítica sobre a encenação de *O Dibuk*, pelo notável ator e diretor do teatro ídiche americano, Morris Schwartz, que também atuava como Rabi Azriel, em sua turnê pelo Brasil. Além disso, eu colaborava então com o jornal *O Estado de S. Paulo*. Em seu Suplemento Literário, cuja seção de letras judaicas estava a meu cargo, publiquei quatro ensaios sobre o Habima. O trabalho dessa trupe me atraiu tanto por seu empenho em tornar-se um teatro nacional judeu em língua hebraica, quanto por sua vinculação com a efervescência revolucionária daqueles tempos e com sua expressão na vanguarda poética e cênica. Este foi o começo, que teve o reforço de uma seleção da *Dramaturgia de Hamburgo*, de Lessing, vertida do alemão a pedido de Anatol. O resto veio depois. Como e por que, não sei, mas o fato é que, subsequentemente, acabei sendo indicado, por Rosenfeld e

Sábato Magaldi, para lecionar crítica teatral na EAD. Aí virei professor na Escola de Arte Dramática criada por Alfredo Mesquita (1907-1986) na década de 1940 e incorporada à Universidade de São Paulo em 1968. Quer dizer, ingressei em uma carreira, com a qual eu jamais havia sonhado, porque a minha relação com as instituições de ensino formal sempre fora conflitiva, na medida em que eu era um cabulador emérito de aulas, pois só queria estudar o que me interessava. Confesso, porém, para o meu próprio espanto, que cumpri com rigor o ritual acadêmico no setor de teatro da Escola de Comunicação e Artes (ECA-USP), hoje departamento de Artes Cênicas. Meu primeiro título efetivo foi o de doutor, em 1973, com uma dissertação sobre literatura e teatro ídiche, orientada pelo professor Antonio Cândido, na USP, que serviu de base para o meu livro *Aventuras de uma língua errante: ensaios de literatura e teatro ídiche*, publicado pela Editora Perspectiva, em 1996. Na minha tese de livre-docência, escrevi sobre o teatro, o método e a arte de Stanislavski. Apesar de ter sido aposentado pela compulsória ao atingir setenta anos (idade-limite para a aposentadoria de servidores públicos, no Brasil), continuei e ainda continuo orientando dissertações e teses sobre teatro. Para o bem ou para o mal, cedo, como antes, à tentação da variedade, pois são trabalhos que investigam as distintas manifestações do fenômeno teatral na atualidade e seus desdobramentos estéticos.

**WebMosaica: Qual a orientação que você segue, como fundador e Diretor-Presidente da Editora Perspectiva?**

**Jacó Guinsburg:** A Editora Perspectiva constituiu-se em 1965. Eu havia me desligado da Difel e, estimulado por vários amigos, resolvi, com o apoio deles e de alguns sócios, aventurar-me uma vez mais no campo editorial, agora com maior

prática profissional e pondo a render o que eu havia aprendido na Difel e na França a esse respeito. O primeiro projeto foi o de compor e publicar uma *Judaica*, um conjunto representativo do espírito e do estro do povo hebreu e dos milênios de sua produção religiosa e filosófica, literária, mas o nosso programa nunca pretendeu se enclausurar exclusivamente na temática judaica. Ao contrário, era nossa ideia desde o princípio ramificar tanto quanto possível o nosso catálogo, abri-lo ecleticamente ao que, consagrado ou inédito, nacional ou forâneo, tivesse valor textual de pensamento, de testemunho ou de inventividade. De minha parte, sempre me orientei por sugestões de gosto e por juízos culturais; não sou fixado em autoridades icônicas, nem em padrões oficiais, muito pelo contrário; como exemplo, eu poderia citar um bom número de autores e obras em diferentes áreas do conhecimento, a começar pela coleção *Debates* e mais ainda pelos volumes da *Signos*. É essa a orientação que tenho seguido, embora não possa afiançar que ela prime por seus critérios mercadológicos. De outra parte, é evidente que estas não são definições unicamente pessoais, mesmo porque uma editora nunca é um trabalho individual, mas sempre o produto de um processo interativo de uma equipe. Seja como for, a Perspectiva tem se mantido fiel aos focos de edição que eleger, inclusive ao judaico. Em nosso catálogo de publicações, que está na ordem de mil títulos, cerca de vinte por cento estão nesta área, a do judaísmo, outros vinte por cento na do teatro e o restante, sessenta por cento, nas humanidades de um modo geral, reunidos principalmente nas coleções *Debates* (com cerca de 320 títulos) e *Estudos* (com quase 300 títulos). Os demais estão distribuídos nas outras séries, entre as quais uma coleção científica, *Big Bang*, dirigida por Gita, minha esposa, que é física e matemática, e a coleção *Textos*, em que Platão e Descartes convivem com Pi-

randello e Scholem Aleikhem, e em cujo conselho figuram professores e pesquisadores de nomeada, como Roberto Romano, Celso Lafer, Trajano Vieira e João Roberto Faria. Para finalizar, creio que a linha geral de meu trabalho editorial é pautada por uma postura democrática, contra a intolerância e em favor do respeito à diferença. Pelo menos é a lição que tenho colhido, no decorrer de minha vida, em livros como o de Saul Friedländer sobre a *Shoah* (Holocausto), *Alemanha nazista e os judeus - 1933 a 1939 e 1939 a 1945*, que a Editora Perspectiva está lançando em dois volumes.

**WebMosaica:** Qual o valor que você atribui à difusão da cultura e literatura judaicas, não só para os jovens judeus como também para a comunidade não judaica?

**Jacó Guinsburg:** A importância que atribuo ao conhecimento e à difusão desses bens culturais e literários, criados e preservados pelo povo judeu no transcurso dos milênios de sua existência identitária e em meio a condições e vicissitudes das mais adversas, está implícita em tudo o que procurei caracterizar acima, em relação ao sentido de minha atividade como editor e professor. Aproveito, entretanto, a sua pergunta para observar que a recepção, de uma ou de outra forma, deste legado só é significativa na medida em que ele se transforma na fonte energética de sua realimentação para uma produção renovadora de seu modo de ser em novos tempos e na medida em que seja conhecido e acolhido como tal na comunidade maior, vindo a constituir-se em fator de sua consciência coletiva e de sua humanidade.